

Editorial

Este número da revista *Desenredo* do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, ao tratar do tema “heterogeneidade e polifonia em textos, abre espaço para a intersecção entre as áreas de Estudos Linguísticos e Estudos Literários do programa, (re)compondo a área de Letras, interessada no sentido da linguagem, em seus modos de constituição, nos efeitos que é capaz de produzir na expressão das diferentes facetas do homem, ser de linguagem, em sua constante trajetória de humanização e de preservação da espécie. Nos artigos nela reunidos, segundo diferentes perspectivas teóricas, busca-se desvelar a pluralidade que subjaz à neutralidade aparente das entidades linguístico-discursivas, como se todos atendessem ao apelo do poema de Drummond de Andrade: “Chega mais perto e contempla as palavras/ Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra/ e te pergunta, sem interesse pela resposta,/ pobre ou terrível, que lhe deres:/ “Trouxeste a chave?””

Nessa perspectiva, o artigo “Atualização da polifonia”, que abre este número da revista, de Marion Carel e de Oswald Ducrot, desenvolve e atualiza a teoria da polifonia apresentada no último capítulo de *O dizer e o dito* (Ducrot, 1984), distinguindo-a tanto da concepção “atitudinal” quanto da concepção “musical”; articula a polifonia, assim entendida, à teoria dos blocos semânticos, forma atual da teoria da argumentação na língua e, por último, dá algumas pistas para a descrição de fenômenos que mostram alusões do enunciado a enunciações diferentes da sua.

Na sequência, Marion Carel, em “Polifonia e argumentação”, mostra o interesse que há em conceber o conteúdo como argumentativo, quando se desenvolve uma teoria “polifônica” da enunciação, quer se trate da teoria polifônica de Ducrot (1984), da Scapoline (Nolke, Flottum e Nore, 2004), quer da teoria inspirada em Ducrot e Carel (2006), que apresenta com vasta exemplificação.

No artigo “Quem disse o quê? Polifonia e heterogeneidade em coro dialógico”, Beth Brait sinaliza a dimensão polifônica da linguagem, conforme projetada pelos estudos de Mikhail Bakhtin a respeito do escritor Fiodór Dostoiévski, indiciada em vários textos e acolhida como importante contribuição à leitura contemporânea das relações eu/outro e suas formas de presença nos textos. Mostra tanto o funciona-

mento da polifonia quanto o da heterogeneidade, que necessariamente a constitui, na canção “Cinema novo”, de Caetano Veloso.

Raquel Terezinha Rodrigues escreve sobre “Miguel Torga: do singular ao plural”. Trata-se de texto autobiográfico com relatos retrospectivos sobre si, em que, entre a ficção e a realidade, o sujeito se move, inovando por duas maneiras de narrar a vida: uma pela forma adotada, que se assemelha ao texto núblico, e outra que fragmenta o narrador em vários “eus”, contrariando a singularidade proposta pelos textos intimistas. O sujeito encontra-se dividido onde o passado permanece e o presente irrompe, onde o controle e a consciência se confundem.

Sheila Elias de Oliveira aponta na direção de uma questão de língua com seu artigo “Heterogeneidade e enunciação: um exame do dicionário”. Seu objetivo é promover um debate teórico-analítico no trabalho sobre a história das palavras a partir de *corpora* de dicionários de língua. Na perspectiva de semântica enunciativa formulada no Brasil – a semântica do acontecimento –, inscreve-se nos estudos enunciativos que incluem Benveniste, Ducrot e Authier-Revuz. A autora focaliza o verbete “cidade” do primeiro dicionário brasileiro de língua portuguesa em oito de suas onze edições, pontuando aspectos da heterogeneidade na língua, na enunciação e no discurso.

Solange Mittmann reflete sobre a sintaxe numa perspectiva discursiva. Em seu artigo “Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe”, discute alguns aspectos da constituição do discurso no cruzamento da materialidade histórica com a materialidade linguística. São mobilizados conceitos como fio do discurso, formação discursiva, heterogeneidade e contradição, que permitem instalar a discussão sobre as condições de produção do discurso, as relações de força, as relações de sentido, os conflitos fronteiriços e as contradições internas das formações discursivas.

Wilton Azevedo, para pensar a poesia digital, escreve o artigo “Ambiência da escritura expandida”. Segundo o autor, o poema digital serve de experimentação, propiciando novas narrativas e discursos na hipermídia. A interprosa, que segue o percurso dos signos imersos na ambiência da escritura numérica, questiona o sentido da compreensão e da eloquência. Os códigos não se dividem mais diacronicamente no conceito de mesmice e estranhamento, ficção e realidade, como preconizado nos manifestos do século passado, ou seja, as rupturas que a arte cria tornam a linguagem poética vulnerável ao registro histórico – *hic et nunc* – e assim toda e qualquer manifestação artística não fica mais a serviço da ficção nem da realidade, só em sua presentidade.

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha contribui com o artigo “Clarice mulher-escritora-jornalista: múltiplas vozes e uma identidade”, com o qual dá visibilidade à escritura de Clarice Lispector como cronista e mulher nas décadas de 1950/60. A

partir de algumas de suas crônicas reunidas na obra *Correio feminino*, apresenta um modo de falar sobre o universo feminino de Clarice Lispector. Trata-se de uma questão de identidade, processo em que a mulher se reconhece a partir do diálogo entre diferentes sentidos que, historicamente, são postos em circulação e em disputa na sociedade moderna.

Lucília Maria Sousa Romão, em coautoria com Fernanda Correa Silveira Galli e Ane Ribeiro Patti, no artigo “Arquivo em cena: ‘im-pressões’ de leitura sobre o tema”, promovem uma discussão teórica a respeito da noção de arquivo com base em leituras de obras de autores como Derrida, Foucault, Pêcheux, Freud e Lacan. A proposta das autoras contempla os pontos de contato no tratamento dado pelos autores à noção de arquivo. Pensando o arquivo em (dis)curso, perseguem os indícios de sua movência, de sua condição heterogênea, contraditória e movediça.

Como se pode perceber pela leitura desta apresentação, os artigos que compõem este número da revista *Desenredo* podem, cada um a seu modo, contribuir para que se tomem decisões asseguradas teoricamente, de modo a *ir ao texto com uma chave*. Resta-nos agradecer aos autores que, ao cederam seus textos, possibilitaram o diálogo entre teorias e seus modos de pensar a polifonia, a heterogeneidade, seja em relação aos textos literários, seja aos textos não literários que povoam nosso mundo.

As organizadoras
Carme Regina Schons
Telisa Furlanetto Graeff